

# **BULLYING: COMO A PERSEGUIÇÃO PODE AFETAR A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

BARBOSA, Amanda Gonçalves  
[amanda.gbarbosa@gmail.com](mailto:amanda.gbarbosa@gmail.com)

SANTOS, Natália Carolina dos  
[nc\\_naty@hotmail.com](mailto:nc_naty@hotmail.com)

SOUZA, Patrícia Matos  
[patriciamatosunit@hotmail.com](mailto:patriciamatosunit@hotmail.com)

SANTOS, Betisabel Vilar de Jesus (Orientadora)  
[betisabelvilar@ig.com.br](mailto:betisabelvilar@ig.com.br)

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora das Redes Estadual e Municipal de ensino de Aracaju e professora assistente da Universidade Tiradentes. Publicou o Livro Luzes e Blecautes em Cidades Adormecidas: a presença da CNEC no Cenário Educacional Sergipano (2002)

## **RESUMO**

O tema bullying vem adquirindo nas escolas de todo o mundo um destaque cada vez maior, à medida que os comportamentos dele advindos contribuem para a elevação dos índices de violência escolar, tornando a escola um palco de ameaças para muitos alunos e com sérios prejuízos ao desenvolvimento humano em todos os seus aspectos. Diante da constatação de que os efeitos da violência tem se tornado corriqueira nas escolas fazendo com que os alunos atingidos, quando não evadem, tenha uma série de problemas psicológicos que dificultam sua aprendizagem, esse artigo tem como objetivo analisar os efeitos do bullying na aprendizagem da criança. Para tanto, o presente trabalho buscou sua base teórica os estudos realizados por Beaudoin (2006), Fante (2005), Guimarães (1996), Lopes Neto ( ), Ortega (2002), Silva (2010) e no levantamento feito pela Abrapia e em jornais e documentos oficiais do Estado de Sergipe.

Palavras-chave: bullying, aprendizagem; violência, escola; criança

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar o bullying na escola e as suas consequências, sobretudo no processo ensino aprendizagem de crianças e adolescentes.

Trata-se de assunto polêmico e preocupante devido à crescente manifestação desse ato de violência entre crianças e adolescentes na escola, em casa e nas ruas. Ao analisar as manifestações de violências, Fante (2005) esclarece que ela está presente no ambiente escolar, na família, nas forças armadas, nos locais de trabalho (conhecido por assédio moral), nos asilos, nas prisões, nos condomínios residenciais, ou seja, nos locais onde existem relacionamentos de pessoas.

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. É um fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais.

Na língua portuguesa não existe uma palavra que expresse todas as situações de bullying. Por isso, usa-se o termo em inglês que traduzido seria algo como intimidação. De acordo com Fante (2005) a palavra de origem inglesa é adotada em muitos países para definir desejo inconsciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. O termo designa ainda comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

A Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e Adolescência- Abrapia elaborou uma lista que inclui algumas ações que podem estar presentes no bullying como: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences. Alguns psicólogos estudiosos do assunto, o denominaram como “violência moral”, “vitimização” ou “maltrato entre pares”, já que acontece entre colegas. Em suma, qualquer uma dessas ações representa uma violência extrema e, conseqüentemente, intimidadora.

Segundo o médico Lopes Neto (2005), coordenador do primeiro estudo, realizado pela Abrapia sobre bullying no Brasil, os atos de violência podem gerar nas vítimas conseqüências como: depressão, angústia, baixa auto-estima, estresse, absentismo ou evasão

escolar, atitudes de autoflagelação e até o suicídio. Para os autores dessa prática pode reforçar comportamentos de risco, atitudes delinquentes ou criminosas e torná-los adultos violentos.

Por se tratar de uma problemática freqüente no ambiente social, e, em particular nas escolas e, para que manifestações de violência não sejam vistas como algo natural entre crianças e jovens a temática vem sendo estudada por profissionais de diferentes áreas com o intuito de entender os fatores desencadeadores, subsidiando assim, a busca por alternativas.

Com base no exposto, este artigo busca analisar as principais manifestações e consequências do bullying na escola e assim contribuir para uma reflexão a respeito da problemática. Tem como base teórica estudos realizados por Beaudoin (2006), Fante (2005), Guimarães (1996), Lopes Neto (2005), Ortega (2002), Silva (2010), o levantamento feito pela Abrapia no ano de 2005, e o Movimento Todos contra o bullying (2010).

Segundo Bertelli e Viana (2010) foi na década de 1970, na Suécia, que nasceu um maior interesse da sociedade sobre este problema, logo em seguida estendeu-se para vários países. Foi quando na Noruega, doze anos depois, em 1982 ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, causadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidos pelos seus colegas da escola. Este fato teve grande repercussão nos meios de comunicação, movimentando o governo Norueguês a fazer uma campanha nacional contra o bullying no ano seguinte.

As referências aqui tratadas apontam que há incidência de bullying nas escolas particulares ou públicas, primária ou secundária, rural ou urbana, sendo mais comum do 6º ao 9º anos e embora muitos autores mostrem que pode ocorrer a prática do bullying a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade dos atos já podem ser observada, muitas escolas desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo. De acordo com Silva (2010), escolas que anunciam que não tem casos de bullying fazem propaganda enganosa, pois o bullying é democrático, acontece tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas, o que faz uma escola melhor é como ela vai lidar com o caso.

A escola como ambiente socializador não pode deixar de elaborar programas e campanhas de combate ao bullying, devendo agir com ações enérgicas para manter o bom relacionamento entre os alunos, pois é importante mostrar o quanto determinados valores, como o respeito ao próximo fazem parte da vida das pessoas educadas e socializadas.

## **2 BULLYING: MAIS UM PROBLEMA NA ESCOLA**

Muitas vezes os diversos tipos de conflitos e tensões ou interações agressivas, entre os alunos de uma classe é visto por estes como diversão, forma de auto afirmação, ou ainda como problema da idade. Para Guimarães (1996) quando tem contato com esse tipo de violência, muitas vezes, os professores acreditam ser “coisa deles”, “natural da idade”, e que as causas desse “problema disciplinar” estariam no ambiente familiar e na estrutura econômica.

Quando as ações violentas se acentuam nas escolas assusta muitos profissionais da área porque ações desrespeitosas ou inibidoras podem desencadear conseqüências catastróficas para formação da personalidade de crianças e adolescentes. Contudo, a violência ou os variados tipos de violências não é algo que pode ser identificado como recente, pois embora se trate de um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria humanidade esta precisa evoluir na construção de uma cultura de paz e respeito ao outro.

Os autores estudados são unânimes na localização da sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência no Brasil. Em outros países, ele ocorre no recreio e, principalmente fora da sala de aula. Na sala de aula, onde o ambiente é de maior convívio, o fracasso de alguns alunos fica exposto, gerando um ambiente de chacota para colegas que provocam o bullying. Os professores, na maioria das vezes, têm uma turma muito grande para acompanhar o que dificulta perceber as agressões e intimidações sofridas pelos alunos.

Para Beaudoin , “nas escolas a maioria dos problemas como o desrespeito ocorre nas seguintes situações: no contexto dos relacionamentos; em sala de aula ou em outras áreas públicas, como no playground, e em grande parte das interações entre os alunos.” (2006, p.144)

As manifestações de violência podem ser de ordem psicológica ou contra a integridade moral e física de uma criança ou adolescente. Neste sentido, um conhecimento mais profundo do que seja o bullying, por parte das escolas faz com que se construa uma barreira preventiva, para evitar os efeitos danosos que esta prática pode desencadear.

Fante (2005) aponta como características do agressor: faz brincadeiras ou “gozações”, além de rir de modo desdenhoso e hostil; coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama; faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga; incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos; pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento.

Porém, é preciso analisar com cautela manifestações de agressividade as quais podem ser transitórias, mas podem se tornar permanente. Reis e Hautzinger (2005) apontam

alguns motivos para que as crianças se tornem agressores crônicos, possíveis autores de bullying: foram mal acostumados e por isso esperam que todo mundo faça todas as suas vontades e atenda sempre às suas exigências; gostam de experimentar a sensação de poder; não se sentem bem com outras crianças, tendo dificuldade de relacionamento; sentem-se inseguras e inadequadas; sofrem intimidações ou são tratados como bodes expiatórios em suas casas; já foram vítimas de algum tipo de abuso; são freqüentemente humilhadas pelos adultos; vivem sob constante e intensa pressão para que tenham sucesso em suas atividades.

Fante (2005) relata que o comportamento agressivo surge como resultado de uma elaboração afetivo-cognitiva, fruto das experiências vivenciadas pelo indivíduo, que se torna motivadora de processos inconscientes capazes de atribuição de valores e ressignificação de conteúdos à realidade, originando condutas e sentimentos de ira que, uma vez estimulados, alimentam e sustentam a conduta agressiva, fugindo muitas vezes ao controle voluntário do indivíduo, por ter sido condicionado a utilizá-la como forma de resolução de conflitos e de satisfação dos seus desejos de realização pessoal.

Essas crianças precisam de ajuda, mais do que de punição. Torna-se urgente dar assistência a elas, para que se possa interromper esse ciclo de violência que vai se instalando em suas vidas. Contudo, muitas vezes a questão é tratada de forma superficial, resumindo-se a prevenção de manifestações de violência que se revelam de forma aparente. Para Fante,

Normalmente, as autoridades se reúnem com especialistas para debaterem o tema, quase sempre resultando em soluções paliativas, com ênfase preventiva focada no desenvolvimento de estratégias que objetivam coibir a entrada de armas e de drogas nas escolas, como se as causas de problema estivessem somente naquilo que os alunos trazem nas mochilas, sem, contudo, levar em conta o que trazem no coração. (2005, p.30)

O bullying está na maioria das salas de aula, muitas vezes na presença do professor. O professor que critica o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma das vítimas do bullying e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico.

Segundo Lobo (1997) a crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, inimizade e degradação de desempenho, seja em que idade for.

Diante de outras formas de agressão, pais e escola sentem-se incapacitados de agir de maneira mais efetiva. A escola e a família diante dessa situação não devem ignorar as conseqüências quase irreparáveis que determinadas situações podem causar para uma criança ou adolescente, pois o problema poderá se agravar e gerar sequelas para a vida adulta.

Desse modo, é importante estar atento às mudanças de comportamentos dos jovens, às suas ações e reações, para que se possa diagnosticar as primeiras manifestações de agressividade e as sequelas que tais atos de violência geram no agredido.

Quando a escola não promove intervenções efetivas e eficazes contra o bullying, o ambiente escolar é contaminado por sentimentos de ansiedade e medo. Para os especialistas, muitas vezes agressores e vítimas camuflam o problema. Alguns alunos ao perceber que na escola não há medidas preventivas e/ou punitivas de combate a esta prática passam a agir com agressividade, pela certeza da impunidade. Por sua vez, as vítimas se retraem e por medo não denunciam os abusos de que vem sendo vítima.

O bullying no âmbito escolar pode também se manifestar através da mudança de rendimento do aluno, mostrando que o aluno está abaixo da média, não retornando às exigências feitas nas tarefas cotidianas e transparecendo um aluno cada vez mais distantes e indiferente aos conteúdos da sala de aula.

Conforme o citado autor, para as vítimas de bullying as reações são de descrença no sistema educacional; queda da auto-estima; problemas somáticos e psicológicos; no futuro a Síndrome de Burnout (problemas relativos ao estresse profissional); na família e na sociedade: falta de perspectiva de futuro melhor via educação; desvalorização do ensino.

A solução no combate à violência nas escolas consiste na procura de ajuda e encorajamento por parte das vítimas incentivadas pelos pais e educadores; cabe a escola coibir as atitudes agressivas protegendo ao mesmo tempo agressores e agredidos, já que ambos precisam de apoio psicológico e educacional. Portanto, cabe aos pais, professores e demais profissionais que atuam na escola estarem mais atentos e sensíveis a qualquer anormalidade na rotina ou no comportamento das crianças e adolescentes.

Os pais, através do diálogo e do estabelecimento de limites podem ajudar crianças e jovens, a desenvolver noções de respeito, cordialidade e equilíbrio. Quanto aos educadores, torna-se essencial a preparação destes para identificação e combate às manifestações de violência.

### **3. O BULLYNG EM SERGIPE**

Em Sergipe, segundo dados da Delegacia de Atendimento a Grupos Vulneráveis (DAGV), de janeiro à julho de 2010, a violência que vem disfarçada na forma de “brincadeiras” registrou 568 boletins de ocorrência, gerando 114 inquéritos policiais e ainda

99 termos de ocorrência circunstanciado (TOC), as quais são julgadas de forma rápida pelos juízes especiais, com pena, em caso de condenação, que chega a dois anos.

Segundo o Jornal Imperador (2010, p.3) o filho da pedagoga Ana Carla dos Santos, foi vítima de bullying por pelo menos dois anos, no Instituto Dom Fernando Gomes, segundo a vítima seus colegas de classe o perseguiram e agrediram fisicamente. O caso mais grave relata a mãe, foi quando seu filho estava lanchando e ao se dirigir para o local onde estava havendo o ensaio de quadrilha junina, este pisou em uma área proibida, estabelecida por um grupo de estudante e eles o agrediram com chutes e pontapés. A mãe comunicou a direção da escola que seu filho estava sendo perseguido, mas a direção fez pouco caso, optando então em transferi-lo de escola. Hoje a criança está passando por um acompanhamento com psicólogo e está em depressão.

Outro caso que ganhou destaque na imprensa foi a denuncia do Jornal da Cidade (2009, caderno B-4), de uma menina de dez anos moradora do Bairro Coqueiral, que no seu primeiro dia de aula foi recebida com tapa no rosto de “boas Vindas”. Outro fato denunciado no mesmo jornal foi o de uma adolescente de 14 anos, aluna de uma escola estadual localizada no Conjunto Santa Tereza e que foi espancada por três alunas, por ter o rosto sardento e uma aparência diferente dos demais colegas.

A preocupação com o tema levou o Deputado Estadual Zeca da Silva (PSC) a apresentar um projeto de lei de combate da pratica de bullying. A proposta do deputado é baseado nos estudos da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), de acordo com o deputado faltam estatísticas oficiais sobre os tipos de agressão.

A instituição de programa de combate ao bullying segundo o deputado vai permitir o desenvolvimento de ações de solidariedade e de resgate de valores de cidadania, tolerância, respeito mútuo entre alunos e docentes.

Outro programa de combate ao bullying em Sergipe é uma junção da Secretaria de Educação (Seed) e a Secretaria de Segurança Pública (SSP) que lançam o projeto “Cidadania e Paz nas Escolas”, com o objetivo de enfrentar um problema crescente entre estudantes. Foram distribuídos questionários para estudantes de toda a rede estadual de ensino, para que possa ser feito um mapeamento completo do bullying em Sergipe, ainda não tiveram um diagnóstico específico sobre o problema, constatando-se apenas casos isolados. As escolas receberão atividades e orientação a respeito do tema, informação, prevenção, pois é a partir da discussão que se pode delinear estratégias para expandir um ambiente saudável e prazeroso nas comunidades escolares. O projeto está vinculado ao Departamento de Recursos Humanos

da Secretaria Estadual de Educação – SEED/SE, sendo coordenado pelo Prof<sup>o</sup> Sergio Andrade de Sousa, tendo como coordenadores executivos o Tenente-Coronel Blauner Poti Santos dos Santos e a Prof.<sup>a</sup> Djanira Montalvão da Luz, suas principais ações é desenvolver nas Escolas Estaduais uma cultura de paz, respeito mútuo, preservação do patrimônio material e imaterial, diagnosticar, no âmbito escolar, comportamentos de violência e depredação, criar mecanismos de apoio ao professor e demais profissionais da educação, integrar a escola ao contexto social: bairro, região, comunidade e Oferecer orientação psicopedagógica, as vítimas da violência escolar, com os seus devidos encaminhamento.

O papel da escola começa em admitir que é um local sujeito a bullying, informar professores e alunos sobre o que é o bullying e que a escola não admitirá a prática. O papel do professor é ainda mais importante, porque ele pode identificar tanto as vitimas como os agressores.

#### **4. BULLYING E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

O bullying afeta todos os envolvidos, principalmente a vítima podendo prejudicar seu rendimento escolar e prosseguir no decorrer da sua vida, afetando suas relações de trabalho, constituição familiar e criação de filhos, enfim, prejudicando sua saúde física e mental.

Para Fante (2005) a superação dos traumas vai depender das características individuais de cada vítima, mas podem afetar o comportamento e a construção dos pensamentos e inteligência, gerando: sentimentos negativos e pensamentos de vingança; baixa auto-estima; dificuldades de aprendizagem; queda do rendimento escolar; e ainda: desenvolvendo transtornos mentais e psicopatologias graves; sintomatologia e doenças de fundo psicossomático; comportamentos agressivos, depressivos e, transformando a criança em um adulto com dificuldades de relacionamento, podendo ocasionar até o suicídio, muitos educadores sofreram com o bullying quando estudantes e que trazem com eles suas consequências.

Silva (2010) destaca que as conseqüências psíquicas e comportamentais são os principais problemas resultantes do bullying. Além dos sintomas psicossomáticos, destacados por Fante, Silva enfatiza os transtornos do pânico (caracterizado pelo medo intenso e infundado); à fobia escolar (caracterizado pelo medo exacerbado de freqüentar a escola); à fobia social; transtorno de ansiedade generalizada; depressão; anorexia e bulimia; transtorno

obsessivo-compulsivo; transtorno do estresse pós-traumático; e alguns casos menos frequentes como a esquizofrenia, suicídio e homicídio.

E diz ainda que a relação do bullying e a criminalidade são grandes, pois o agressor pode vir a adotar comportamentos delinquentes como: uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, etc. se tornando indiferente a realidade que o cerca e crê que impondo-se com violência conseguirá obter o que quer na vida.

Os outros alunos indiretamente envolvidos sofrem também, porque o direito que tinham a uma escola segura, solidária e saudável não corresponde à realidade vivenciada pelos mesmos, devido à deterioração das relações interpessoais, prejudicando assim o seu desenvolvimento socioeducacional.

Na busca de alternativas para a questão, três fenômenos precisam ser interpretados de forma diferente, ainda que estejam inter-relacionados: as más relações ou problemas de convivência, os conflitos interpessoais e a violência escolar. Duas são as linhas de trabalho apontadas: a linha de ação preventiva, voltada à melhoria do sistema geral de convivência, estabelecendo programas de gestão democrática da convivência, trabalho em grupo cooperativo e educação sentimental e moral. A outra linha é a de atuação direta, onde a intervenção está sustentada no tempo e convenientemente avaliada, tendo em vista aqueles alunos que estão numa situação de risco, ou que já estão implicados em situações de violência como vítimas, agressores ou espectadores diretos.

Ortega e Del Rey (2002), alerta para a necessidade de promover uma intervenção cuidadosa, resultante de pesquisa e observação crítica do processo e sugerem uma reflexão teórica a partir da qual se pode interpretá-lo. Para tanto, propõem a reflexão sobre os fatores desencadeadores, a elaboração de hipóteses sobre suas causas e conseqüências e, em um segundo momento o estabelecimento de programas educacionais escolares, de caráter preventivo, que evitem a aparição de problemas de violência.

Fante (2002) ressalta alguns programas de combate ao bullying que podem se constituir em eficientes alternativas de superação do problema, a exemplo do envolvimento de “alunos solidários”, considerados “anjos da guarda” daqueles que precisam se relacionar melhor na escola e fora dela e de grupos de “pais solidários” que ajudam nas brincadeiras do recreio dirigido. Aponta ainda outras saídas, como as discussões em grupo e ações solidárias de ajuda a instituições filantrópicas.

Se existe uma cultura de violência comum entre as pessoas, podemos espalhar uma contracultura de paz. Ela aponta o coração das crianças como um caminho fértil a

trabalhar. Construir um mundo de paz é possível, para isso, deve-se primeiramente construí-lo dentro de cada um de nós. (FANTE, 2005, 41)

A autora esclarece que o programa Educar para a Paz implantado em escolas do Brasil pode ser outra alternativa sendo de fácil aplicação à realidade escolar, alcançando resultados rápidos e satisfatórios. O programa vem realizando curso de capacitação para multiplicadores. Somente em 2000 quando Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa abrangente sobre o assunto, ao qual resultou neste programa, colocado em prática no interior paulista no mesmo ano. A partir desse programa o tema bullying começou a ganhar espaço no Brasil.

Em 2010, o Conselho Nacional de Justiça, criou o Projeto Justiça na Escola e elabora a Cartilha contra o Bullying, com o intuito de auxiliar, professores, funcionários de instituições de ensino e pais de alunos a identificarem sinais de violência contra estudantes.

Beaudoin (2005) destaca um trabalho que pode ser realizado em sala de aula com finalidade de evitar o bullying. Num primeiro momento ela propõe estabelecer um vínculo que aproxime aluno e o professor, depois que este procure desenvolver nas crianças um trabalho de valorização e respeito às diversidades. Em seguida dá destaque a fase “desmascarando o bicho-que-irrita”, e por último sugere que seja promovida a exibição de pôsteres. Essas entre outras ações criam um tipo de sequência didática que prioriza uma nova conscientização dos alunos em favor da não-violência.

No entanto, se o professor comunicar aos alunos a importância do respeito e ter informação sobre os direitos das crianças, ser o mediador de um ambiente de amizade, e intervir nas brincadeiras não adequadas, o bullying poderá não acontecer dentro da sala de aula.

Os Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), podem ser utilizados pelos professores, pois traz questões relevantes que se o professor souber usar em seu cotidiano pedagógico contribuirá para um ambiente de aprendizado favorável para os seus alunos. O professor poderá trabalhar com os conteúdos de ética, para priorizar o convívio escolar.

O PCN faz uma importante idéia sobre o papel do professor diante de casos de bullying.

(...) deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito freqüente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes (...)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), as atitudes respeitadas devem partir do professor, pois estas atitudes serão notadas como modelo, principalmente pelas crianças menores.

(...) não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes(...).

Conversar é o melhor remédio para abordar tema sobre preconceito e discriminação, que gera problemas que vão além dos danos da saúde, prejudica o convívio social, abala a autoconfiança e a auto-estima, uma boa sugestão para os professores ajudarem seus alunos a vivenciarem e enfrentarem qualquer desafio, é utilizar paradidáticos que abordem esses temas como, por exemplo, a Coleção Sinto Tudo Isso e Mais um Pouco da editora Escala Educacional, que vem abordando temas sobre as dificuldades da convivência para trabalhar com as crianças, com uma linguagem acessível, que com certeza contribuirão para uma construção de uma consciência ética.

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), a escola pode trabalhar o respeito mútuo nas suas traduções específicas do convívio escolar, e isso, evidentemente sem detrimento de se trabalhar regras gerais de convívio, como por exemplo, não bater no colega, não insultá-lo, não humilhá-lo.

Observa-se que todas as iniciativas escolares devem estar voltadas a ser um instrumento de inibição a ação bullying, diminuindo tais casos e levando uma mensagem de paz entre os alunos e de alerta para toda a sociedade, para que assim sejam evitadas situações que exibam a supremacia de atos covardes e desrespeitosos cometidos entre alunos que, ao invés de estarem discutindo, deveriam estar em meio às situações de conhecimento que a escola propõe.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre o problema que envolve o bullying nas escolas permite ao educador pensar a realidade neste ambiente, bem como na atual conjuntura da sociedade, para que se

possa compreender o papel da escola e do professor no combate a esta realidade que assusta a todos e interfere diretamente no processo de aprendizagem.

Considerando que é a partir de ações em conjunto que se poderá obter resultados positivos em combate ao bullying na escola e fora dela, compreende-se a razão que leva vários profissionais da área a promover campanhas de mobilização e incentivo à paz nas escolas, pois inúmeros são os casos que se conhece de crianças que foram maltratadas na escola, apelidadas e humilhadas, fato que, como todos sabem, podem marcar negativamente a vida dessas crianças e prejudicar no seu processo educativo.

Tais constatações expressam que é preciso medidas emergenciais para conter a violência que se alastra no meio estudantil, e que pode refletir na postura da criança mesmo depois dos anos escolares, procurando evitar casos que tragam extremas sequelas para suas vidas ou que levem à fatalidade.

Diante disso, percebe-se a necessidade de se abrir um espaço para o diálogo direto entre a comunidade, os alunos e os profissionais de ensino, pois só a partir de ações interativas e quando houver a integração da escola com a sociedade, fatos que envolvam este risco, como o bullying, podem ser devidamente evitados.

Sabe-se que essa realidade não pode ser modificada de imediato, mas através de um maior compromisso dos que compõem a instituição, oferecendo amor, carinho, compreensão, realizando palestras e debates acerca do tema aqui exposto, bem como criar um código interno na escola elaborado pelos próprios alunos com regras de convivência, fazendo uso de teatro, músicas de outras atividades lúdicas, para que com isso os alunos sejam conscientizados dos compromissos sociais que devem ter, e proporcionando através do conhecimento sobre o bullying e suas conseqüências uma atividade positiva de dizer não à violência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Bullying** (online). Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:<[http:// www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br)> Acesso realizado em 3 de outubro de 2010.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BERTELLI, Janete Galdino & VIANA, Helena Brandão. **Bullying na escola: a atividade física pode ajudar.** Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd140/bullying-na-escola-a-atividade-fisica-pode-ajudar.htm>> Acessado em 12 de dezembro de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8

FANTE, Cleodelice Zonato. **Fenômeno bullying – como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Rio de Janeiro, Versus, 2005.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade.** 1996. Disponível em:<[www.lite.fae.unicamp.br](http://www.lite.fae.unicamp.br)> Acesso realizado em 1 de outubro de 2010.

LOBO, L. Escola de pais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, 2005.

ORTEGA, Rosario; REY, Rosário Del. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Brasília: Unesco, 2002.

PROGRAMA CIDADANIA PARA A PAZ NAS ESCOLAS. Disponível em: <http://www.ssp.se.gov.br/cidadania/modules/tinyd0/index.php?id=16> acessado em 12 de dezembro de 2010.

REIS, Diva Bianchi & HAUTZINGER, Juliana. **Violência Escolar – Bullying.** 2005. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=655>> acessado em 1 de outubro de 2010.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barros. **Bullying, Cartilha 2010- Projeto Justiça nas Escolas. Conselho nacional de Justiça.** 1ed. Brasília 2010.

SOUZA, Shirley. **Meu nome não é gorducho**. 1 ed. São Paulo, Editora Escala Educacional. 2008

MOVIMENTO TODOS CONTRA BULLYING. Disponível em: <  
<http://movcontrabullying.blogspot.com/>> acessado em 12 de dezembro de 2010.